



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

### **Migrar é preciso: as questões ambientais e as migrações na produção de um curta em um curso de pedagogia**

Rebeca Silva Rosa Brandão<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

ORCID <http://orcid.org/0000-0003-3739-8246>

Maria do Carmo de Moraes Mata Rodrigues<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3170-0953>

Noale Toja<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1207-2795>

**Resumo:** A migração é uma das questões globais que atingem todos os países no mundo, pois a mobilidade humana acontece desde sempre em nosso planeta e seguirá acontecendo. As razões para tais movimentações são inúmeras – guerras, perseguições políticas, étnicas etc. Nesse artigo visamos à migração em função das razões climáticas que alguns chamam de “migrações ambientais”. Interessa-nos, em especial, aquelas provocadas pela seca no nordeste brasileiro, causando “êxodos rurais”. A busca por melhores condições de vida e de trabalho teve como destino principalmente o sudeste, deixando uma marca cultural da presença desses nordestinos nessa região e um importante fio na rede de ‘*conhecimentossignificações*’ cotidianos. Estes são evidenciados na produção de um curta com estudantes de pedagogia de uma universidade da capital fluminense.

---

<sup>1</sup>Doutora e Mestre em Educação (UERJ/ProPed), Pedagoga (UERJ), professora da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, mediadora do CEDERJ/UERJ e participante do GRPesq "Redes educativas, currículos, imagens e sons", coordenado por Nilda Alves. e-mail: [rebecasbr@gmail.com](mailto:rebecasbr@gmail.com)

<sup>2</sup>Pedagoga(UFRJ), Mestre e doutoranda em Educação (ProPed/UERJ), bolsista Faperj, professora mediadora do consórcio Cederj/UERJ. e-mail: [mariamoraiss@yahoo.com.br](mailto:mariamoraiss@yahoo.com.br)

<sup>3</sup>Doutoranda em Educação PROPEd/UERJ. Linha de Pesquisa “Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais” junto ao GRPesq Currículos, redes educativas, imagens e sons. Desenvolve projetos nas áreas das artes e tecnologias. Bolsista FAPERJ. e-mail: [noaletoja22@gmail.com](mailto:noaletoja22@gmail.com)

**Palavras chave:** Migrações ambientais. Redes de ‘*conhecimentossignificações*’. Imagens e sons.

## **La migración ES necesaria: problemas ambientales y migraciones em La producción de um cortometraje em un curso de pedagogía**

**Resumen:** La migración es uno de los problemas globales que afectan a todos los países del mundo, ya que la movilidad humana siempre ha estado sucediendo em nuestro planeta y continuará sucediendo. Las razones de tales movimientos son numerosas: guerras, persecuciones políticas, étnicas etc. En este artículo apuntamos a la migración debido a las razones climáticas que algunos llaman “migraciones ambientales”. Estamos especialmente interesados em los causados por las equía en el noreste de Brasil, que causan “éxodo rural”. La búsqueda de mejores condiciones de vida y trabajo estaba dirigida principalmente al sureste, dejando una marca cultural de la presencia de estos nororientales em esa región y un hilo importante em la red diaria de ‘*conocimentossignificaciones*’. Esto se evidencia em laproducción de um cortometraje com estudiantes de pedagogía de una universidad em la capital de Río de Janeiro.

**Palabras-clave:** Migraciones ambientales. Redes de ‘*conocimentossignificaciones*’. Imágenes y sonidos.

## **Migrating is necessary: environmental issues and migrations in the production of a short film in a pedagogy course**

**Abstract:** Migration is one of the global issues that affect all countries in the world, as human mobility has always been happening in our planet and will continue to happen. The reasons for such movements are numerous – wars, political, ethnic persecutions etc. In this article we look at migration due to the climatic reasons that some call “environmental migrations”. We are especially interested in those caused by drought in northeastern Brazil, causing “rural exodus”. The search for better living and working conditions was mainly aimed at the Southeast, leaving a cultural mark of the presence of these Northeasterners in the Southeast and an important thread in the daily ‘*knowledge-meanings*’ network. These are evidenced in the production of a short film with pedagogy students from a university in the capital of Rio de Janeiro.

**Keywords:** Environmental migrations. ‘*Knowledge-meanings*’ networks. Pictures and sounds.

## **Introdução**

A partir da ideia de que as narrativas, os sons e as imagens são para nós “personagens conceituais”, conceito de Deleuze e Guattari (1992), tendo sido apropriado por Alves (2012) nas pesquisas com os cotidianos, consideramos “personagens conceituais” todas as ideias, artefatos, dispositivos, sentimentos que atravessam o ambiente da pesquisa. Significa que são elementos que movimentam a pesquisa, que move nosso pensamento a todo o momento. Colocamo-nos, assim, em uma grande conversa, abrindo-nos ao que possa movimentar em nossas redes. Diante disso, buscamos pensar acerca das migrações humanas presentes no Brasil, e, por conseguinte, nas escolas brasileiras.

A proposta desse artigo é criar uma conversa com as ideias que estão em torno dos processos migratórios e sua relação com o meio ambiente; e tecer ‘*conhecimentossignificações*’<sup>4</sup> por meio da criação de narrativas a partir dos usos que fazemos ao consumir e produzir sons e imagens.

Desta forma, esse artigo é formado por três principais momentos: i) uma breve contextualização das questões acerca das migrações pelo mundo; ii) um enfoque das migrações ambientais ou climáticas, que atingem desde sempre a humanidade e tenderá a atingir cada vez mais, em função de crises hídricas – em especial, daremos enfoque as secas registradas no nordeste e que marcaram a história e o cenário cultural do sudeste e nordeste brasileiros; iii) o terceiro – e último – momento ressalta como tais questões adentram as salas de aula e são importantes para a formação de docentes; nesse momento, trataremos a reflexão acerca da ação de um projeto de pesquisa e extensão, que traz os usos das tecnologias digitais, com a produção de curtas criados com estudantes de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) sobre o tema.

Alves, Filé e Vargas (2007) são autores que nos auxiliam a pensar as questões dos usos das tecnologias na educação como potente na formação de docentes. Além disso, outros autores que fundamentam esse artigo são Certeau (1998) com a ideia de “usos” e “consumos” de artefatos por ‘*praticantespensantes*’<sup>5</sup> nos cotidianos; e os já citados Deleuze e Guattari (1992) com “personagens conceituais”.

### **Um recorte acerca da mobilidade humana mundial**

O amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências.

*Humberto Maturana, 2001*

---

<sup>4</sup> A dicotomia, própria da construção da ciência na Modernidade, é entendida como limite para nós que trabalhamos em pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos. Por esse motivo, preferimos escrever as palavras desse modo: juntas, em itálico e com aspas simples, para indicar que são termos indissociáveis. Quanto a esses dois termos, especificamente, fomos percebendo que ao se criar conhecimentos – em ciência e nos cotidianos – criamos junto significações que os explicam, justificam e mostram sua superioridade em relação a outros.

<sup>5</sup> Termo apresentado por Oliveira (2012), indo além da ideia de Certeau que os chama somente ‘praticantes’, mas coerente com o pensamento deste autor que diz que esses criam ‘*conhecimentossignificações*’, permanentemente, no desenvolvimento de suas ações cotidianas.

Desde sempre a mobilidade humana acontece em nosso planeta. Pessoas migram por diversas razões e esse é um movimento voluntário, porém quando são forçadas a sair de suas casas ou país, passam a encontrar uma série de dificuldades. Em 2019, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) aponta que há 37 mil pessoas forçadas a migrar diariamente por causa de conflitos e perseguições. Anterior a isso, Moreira (2017), trata do impacto que vivemos no planeta, como causa e consequência do fenômeno que envolve a mobilidade humana:

A atual mobilidade humana no planeta atinge dimensões impressionantes e traz consequências absolutamente novas para os povos e ecossistemas do planeta. Ela está nada menos do que reconfigurando a humanidade. Basta mencionar os processos culturais de desenraizamento e deslocamento, de crises econômicas e identitárias; os conflitos étnicos, culturais e religiosos; as hibridizações, as fusões e os sincretismos; a exportação de gostos, costumes, valores e mercadorias (MOREIRA, 2017, p. 8).

Estamos nas últimas décadas vivendo uma das maiores crises humanitárias globais. O fato se dá principalmente devido ao aumento da pobreza mundial, dos conflitos armados na África e no Oriente Médio, bem como da escassez econômica provocada por grandes mudanças ambientais. Cerca de 80% de refugiados migram para países vizinhos ao seu país de origem.

Dados do ACNUR (2019) apresentam o alarmante número de 70 milhões de pessoas deslocadas, sendo 41 milhões deslocadas internamente, 25 milhões em situação de refúgio e cerca de 3,5 milhões na condição de solicitantes de refúgio.

Os países que mais abrigam refugiados hoje são a Turquia (3,7 milhões), Paquistão (1,4), Uganda (1,2), Sudão (1,1) e Alemanha (1,1). Importante ressaltar que a maioria dos refugiados no mundo hoje, ou seja, 84%, foram acolhidos por países em desenvolvimento. Sendo 57% oriundos da Síria (6,7 milhões), do Afeganistão (2,7 milhões) e do Sudão do Sul (2,3 milhões). A situação dos países acolhedores é caótica pelo fato de serem carentes em desenvolvimento econômico. O fato gera muitas dificuldades de assistência sanitária, médica, moradia e outras.

Diante dessas situações adversas em que se encontram esses países que acolhem migrantes, sobretudo refugiados, observamos os impactos ambientais que estão imbricados nas relações espaciais, temporais e sociais. Reconhecendo as pessoas migrantes como legítimas de direitos, tais situações demandam infraestrutura e atenção com a ocupação das

pessoas que chegam, gerando impactos no que diz respeito à ocupação do espaço urbano, como moradia, trabalho, escola, cultura, lazer e segurança.

E como agir frente a essa grave crise humanitária no mundo atrelado as questões ecossociais, tanto dos países de origem, quanto dos países acolhedores? Para o ACNUR, há três ações a serem tomadas: a primeira é a repatriação voluntária. Essa ocorre em pequena escala; a segunda é a integração local que significa a reconstrução da sua vida em um novo país; a terceira, o reassentamento que ocorre quando a segurança de um refugiado ainda permanece em risco mesmo já tendo saído do país de origem. Nesse caso, o refugiado segue para outro país.

O volume de pessoas em risco é muito elevado e tudo o que é feito hoje é muito pouco frente às reais necessidades humanitárias. Para ter êxito nas ações é muito importante que governo, iniciativas privadas e outros órgãos colaborem nesse processo.

A tomada de ações para gerar o acolhimento do refugiado é um acordo mundial estabelecido na convenção das nações unidas, em 28 de julho de 1951, que foi dedicada ao Estatuto dos Refugiados com o intuito de resolver a situação desses indivíduos na Europa após a Segunda Guerra Mundial. Nele são estabelecidos direitos e deveres do refugiado bem como do país de acolhida. Como a convenção prevê a cobertura de eventos antes de primeiro de janeiro de 1951, houve a necessidade da criação de um protocolo, submetido à Assembleia Geral das Nações Unidas no ano de 1966, contemplando novas situações de conflitos e perseguições e o estabelecimento de novos fluxos de refugiados sob a proteção da convenção. Esse protocolo passa a vigorar a partir de quatro de outubro de 1967. Nele fica estabelecido que o ACNUR possui a competência para promover instrumentos internacionais para a proteção de refugiados e, ainda, atuar na supervisão de sua aplicação.

Como nos sensibilizamos com as questões migratórias e de refúgio? Como podemos desenvolver a empatia nessas relações, diante da massificação por meio dos veículos de comunicação de todas as naturezas, que criam estigmas acerca das pessoas que sofrem por deixarem forçosamente suas casas, seu país? Quem quer abandonar suas casas, sua pátria se não for por um motivo grave? Há um fator de grande instabilidade que força as pessoas a pedirem refúgio. Nas palavras de Menezes (2019):

Os atos complementares de emigrar e de imigrar implicam, inevitavelmente, perda, aquisição e resignificação de identidades, bem como processos definidos por fronteiras que se posicionam para além de limites físicos, incluindo dimensões culturais, imaginárias e simbólicas. Ninguém parte quando está plenamente satisfeito com seu viver, seja nos planos econômico, político, emocional, ou de perspectivas futuras. Partir

em direção a uma terra que não é a sua de origem, definindo-se, portanto, como estrangeira, implica que a exterioridade adquirida pode ou não ser minimizada, com amplas possibilidades de perpetuar-se no tempo. Partir exige coragem e sacrifícios, significando, inevitavelmente, fraturas familiares, com o sentimento de perdas toldando os horizontes futuros (p. 312).

Vivemos no limite do estranhamento aos diferentes, e diante desse cenário de incertezas ainda existe o desafio de lidar com as diferenças de maneira cuidadosa e respeitosa em relação aos estrangeiros, evitando o racismo e a xenofobia que são praticados em nossa sociedade. Exemplo disso são os relatos de muitos africanos sobre o preconceito racial que estão vivenciando pela primeira vez em nosso país e, muitos adeptos da religião muçulmana, o preconceito religioso.

Conversar acerca das contribuições que os movimentos migratórios trazem para as relações humanas e sociais, nos aspectos culturais e econômicos, dentre outros, nos aproximam desses acontecimentos na vida. Porém nem sempre é fácil tratar destas questões que são tão frágeis, sem correr o risco de sermos ingênuos. Neste sentido, o cinema caracteriza-se por uma grande potência para nos ajudar a '*sentirpensar*' acerca destas questões presentes nos cotidianos.

Muitos filmes que retratam as migrações são de ficção, principalmente aqueles que retratam as migrações clandestinas. Schurmans (2014) aponta esse tipo que migração:

constitui uma categoria entre várias, a par de outras como a migração econômica, a migração resultante de um conflito, etc. [...] trata-se igualmente da migração de mais difícil abordagem (a clandestinidade da atividade explica a falta de dados fiáveis, a dificuldade de acesso às vítimas, assim como a dificuldade em distinguir certos atos voluntários de outros forçados). [...] É justamente por causa destas características que os guionistas [ou roteiristas] dos filmes sobre clandestinos optaram pela ficção e não pelo documentário, a primeira sendo mais apta a preencher os vazios e os silêncios, mais apta também a traduzir o sofrimento em personagens e assim comover, o que significa, neste preciso contexto, implicar o receptor (SCHURMANS, 2014, p. 94-95).

Nesse contexto de ficção, podemos tocar a sensibilidade daquele que assiste às cenas de fuga, da escassez de alimentos, de inúmeros desertos, do alagamento de grandes áreas, das longas caminhadas sem destino, das crianças sem lar, sem escola, sem brinquedos, sem perspectiva. Para que haja o reconhecimento do outro, com dignidade, valorizando o "Outro", amar o "Outro" e respeitar o "Outro como legítimo outro", nos colocando em conversa com Maturana (2001), é preciso ampliar os esforços políticos de regularização desses migrantes, bem como o apoio para uma real inserção na sociedade.

A questão da migração é um assunto muito delicado e frágil que facilmente nos coloca em armadilhas por atitudes preconceituosas, messiânicas e ingênuas e que comprometem o exercício dos direitos humanos. A temática da migração dentro de uma ideia ambiental, na sua complexa rede de atuação, pauta na agenda dos Direitos Humanos a importância da garantia do acesso à educação e a linguagem.

### **Êxodos rurais e as migrações ambientais no Brasil: migrar é preciso, viver também é preciso**

E agora, José? / A festa acabou,  
a luz apagou, / o povo sumiu,  
a noite esfriou, / e agora, José?  
e agora, você? / você que é sem nome,  
que zomba dos outros, / você que faz versos,  
que ama, protesta? / e agora, José? [...]  
Com a chave na mão / quer abrir a porta,  
não existe porta; / quer morrer no mar,  
mas o mar secou; / quer ir para Minas,  
Minas não há mais. / José, e agora?  
Se você gritasse, / se você gemesse,  
se você tocasse / a valsa vienense,  
se você dormisse, / se você cansasse,  
se você morresse...  
Mas você não morre, / você é duro, José!  
Sozinho no escuro / qual bicho-do-mato,  
sem teogonia, / sem parede nua  
para se encostar, / sem cavalo preto  
que fuja a galope, / você marcha, José!  
José, para onde?

*Carlos Drummond de Andrade, 1942.*

Em “Human Flow: não existe lar se não há para onde ir” o artista e diretor de cinema Weiwei – que foi exilado da China e mora atualmente na Alemanha – apresenta algumas das histórias de vida dos 65 milhões de refugiados existentes no ano da produção do filme de modo bastante sensível. Este

humaniza os refugiados e demonstra a gravidade da situação por meio de cenas que acompanham tarefas rotineiras – buscar água, montar barracas, cuidar de crianças – contrapostas a longas sequências de travessias perigosas em barcos improvisados, ataques da polícia fronteira ou ameaças de grupos terroristas (D'ANGELO, 2017).

**Imagem 1:** Cena do documentário “Human Flow: não existe lar se não há para onde ir” – migrantes avistados em bote no mar.



Fonte: Imagem capturada na internet em: <<http://razaodeaspecto.com/movies/human-flow/>>. Acesso em: 26 Out. 2018.

Todos esses personagens são também os tantos Josés de Carlos Drummond de Andrade, da epígrafe. Homens comuns, ordinários que, desprovidos da esperança, se põem a caminhar, a navegar... São os Josés que sentem fome, sentem sede, são os Josés decepcionados com a política, perseguidos e expulsos por motivações de intolerância religiosa, pelo fato de protestar, se expressar, contestar, discordar. Os tantos Josés que em seus diferentes *'espaçostempos'* não conseguem mais ficar. A única esperança, o que resta é caminhar, caminhar, esperar e esperar... E caminham em busca do “ouro nas Minas”. Fogem das guerras, da seca, como tantos ainda fazem no Brasil. Porque não há mais como permanecer. E mesmo sem apoio, desprovido da sorte, embora isso, com muita fé, os Josés são fortes, são frágeis e resistem e criam nas/com as suas fragilidades.

O mapa da imagem a seguir é fruto de uma visita que o *Uol* fez ao nordeste em função da última forte seca que provocou o êxodo rural da região. Mas, diferente do período entre 1970 e 1980, os destinos mais procurados foram na própria região/estado.

**Imagem 2:** “Mapa mostra as cidades visitadas pelo UOL em quatro Estados”.



Fonte: Imagem capturada em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/05/16/com-maior-seca-em-decadas-nordeste-revive-era-de-exodo-e-fuga-do-campo.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

É também relevante ressaltar fatores que levaram ao êxodo rural – tema retratado em poesias, romances e novelas – e que refletem o descaso político com um projeto de nação, desconsiderando questões cruciais ligadas à crise energética e às intervenções humanas que aumentam a crise climática. Alguns fatores que agravaram tal panorama são o desmatamento, a grilagem de terras, a monocultura, o agronegócio, a falta de atenção com os leitos e nascentes dos rios. Tais fatores em decorrência de políticas que desprezam práticas ambientais sustentáveis, tais como: o manejo ambiental com o incentivo de agrofloresta, agricultura orgânica, manejo da terra, e, sobretudo, políticas públicas de educação de qualidade, saúde, moradia, segurança, cultura etc.

É importante inibir um pensamento acerca do comportamento econômico antidemocrático que favorece uma minoria em detrimento dos ‘*fazeressesaberes*’ de camponeses da terra, bem como, pensar em políticas de urbanização ética e estética, incentivando pesquisas que possam minimizar os impactos socioambientais no campo e na cidade.

Cícero Péricles, professor da Universidade Federal de Alagoas, em entrevista ao *Uol Notícias*, afirma que

O prejuízo é imediato pela impossibilidade do plantio decorrente da falta de água ou mesmo a perda total da colheita. Essas perdas familiares repercutem na vida comercial dessas cidades, reduzindo o vigor das feiras e das atividades na prestação de serviços. Como são localidades pobres, sem um tecido econômico dinâmico, as consequências imediatas desse fenômeno são vistas de maneira dramática, com relatos de perda de patrimônio e endividamento das famílias de agricultores e moradores da área rural e urbana (MADEIRO, 2012).

A importância cultural nas ‘*prácticasteorias*’ cotidianas na cidade do Rio de Janeiro e em outras cidades do sudeste abrangem todos os tipos: na culinária, na música, na literatura, nas artes, na oralidade etc. Através do cinema, da literatura, da arte e da mídia em geral podemos acompanhar muitos acontecimentos com o processo migratório. A mídia de massa tem grande poder de escolha daquilo que veicula, tratando os assuntos de maneira restrita, atendendo aos interesses de uma política hegemônica e de mercado. Ao mesmo tempo em que informa, desinforma, promove pensamentos e ações neoliberais que impactam o ecossistema.

No caso do processo migratório, não é diferente. A mídia é responsável por tratar da questão com sensacionalismo, sem apresentar o cerne da questão e suas tensões políticas, sociais, econômicas e, por isso, ambientais, que estão envolvidas nesse processo.

Em contraponto as mídias de massa, as redes sociais nos seus universos de interesses, podem nos aproximar de experiências mais dramáticas, a partir de outras vozes, na polifonia daquelas que estão no sofrimento, na resistência e na criação de outros modos de viver.

Contudo, a arte ainda é um dos caminhos que nos levam as sensações e a criação de empatia. “*Vidas secas*”, obra de Graciliano Ramos, por exemplo, narra a história dos sertanejos que migram em função da degradação das regiões que habitam em função da seca. O autor nos sensibiliza através das narrativas dos personagens, acerca dos

enfrentamentos que os sertanejos atravessam para sua sobrevivência, tanto na terra natal, quanto na sua desterritorialização.

João Cabral de Melo Neto (2007), por sua vez, é autor de “Vida e morte Severina”, texto escrito na década de 1950, que mostra como o *‘espaçotempo’* parece não existir, de tão contemporânea que se apresenta toda problemática do sertanejo, dos trabalhadores da terra, das pessoas que vivem em áreas fora do eixo econômico Rio-São Paulo. Traz na forma de poemas as tragédias dos migrantes que sofrem com as consequências da seca. Mostra a fome e a morte em decorrência da grave situação climática. Tais obras enfatizam que o drama de recursos hídricos e a ausência de políticas que verdadeiramente tratem da questão com seriedade, não são recentes e nem apenas dispositivo literário no Brasil.

### **Os usos: consumir e produzir imagens, sons e narrativas como forma potente de (re)existências**

É crucial não perdermos a nossa humanidade, a nossa conexão com o outro. Para Manguel (2001), as imagens, assim como as histórias, nos informam e nos deformam. Segundo ele, Aristóteles sugeriu que todo processo de pensamento requereria imagens, dizendo: “Ora, no que concerne à alma pensante, as imagens tomam o lugar das percepções diretas; e, quando a alma afirma ou nega que essas imagens são boas ou más, ela igualmente as evita ou as persegue. Portanto a alma nunca pensa sem uma imagem mental” (p. 21). Com isso defendemos que o processo de pensamento é intrínseco à criação de imagens. Porque criamos imagens o tempo todo acerca das coisas. Quando o autor diz: “Portanto a alma nunca pensa sem uma imagem mental” (Ibid.) significa que a nossa alma acredita naquilo que a gente cria ao ver, ouvir, sentir, cheirar, degustar e juntamente a isso, criamos pensamento acerca das coisas e muitas vezes fazendo juízo de valor.

Um veículo importante de divulgação do que acontece no processo migratório é a internet. Diversas imagens e textos são publicados nela, seja em sites de notícias ou redes sociais da internet, e essas notícias são importantes para ajudar o processo migratório a ganhar nitidez e ampliar nossas percepções acerca dessa problemática, que ainda é escamoteada com matérias sensacionalistas de diferentes intencionalidades, para, assim, criar em nós, sentimentos de alteridade em relação ao Outro.

Através das imagens de destruição da guerra da Síria, dos barcos naufragando no mediterrâneo, dos campos de refugiados, das pessoas caminhando sem destino fugindo dos horrores da fome, do medo de morrer, podemos questionar: “por que o mundo está inerte a

essa violação dos direitos humanos?"; "por que não se pensa nas consequências desse processo à sociedade?"; "como é possível aceitar crianças em sofrimento extremo?"; "o que pode custar vidas de inocentes a partir de conflitos religiosos e políticos?". Trazemos Manguel (2001) para nos ajudar a pensar em que circunstâncias as imagens são usadas tanto quando consumidas, como quando produzidas. Que narrativas criamos ao 'verouvirsentir' as imagens?

Quando lemos<sup>6</sup> imagens de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. É como se ampliássemos o que é limitado por meio da arte de narrar histórias conferindo a imagem imutável uma vida infinita e inesgotável (p. 27).

Para nós, da pesquisa com os cotidianos, não lemos imagens, e sim a sentimos. Entendemos que ler, reduz ao sentido da visão e que ao mesmo tempo reduz a condição de ler apenas para alguns, enquanto que o sentir é inerente ao ser humano. Porém o autor nos remete aos "usos" (CERTEAU, 1998) que fazemos da imagem, ao longo da vida em diferentes 'espaçostempos' – a imagem é imutável, mas de uma infinitude de usos ao longo da vida e de quem as sentem. Por isso, não há determinismo, uma mensagem única. Há um registro que vai ficar para vida, mas os seus desdobramentos serão infinitos.

Pensar que a imagem pode ser potente para entender os processos migratórios e de refúgios é perceber que ela é um disparador de emoções. Provoca diferentes sentimentos, desde compaixão, indignação e sofrimento, até o sadismo. Manguel (2001) afirma que só podemos ver aquilo que, em algum feitio ou forma, nós já vimos antes. Ou seja, só podemos ver aquilo que já possuímos alguma imagem que pertence as nossas redes de 'conhecimentossignificações'.

Por outro lado, Berger (1999), diz que só podemos ver aquilo que acreditamos como imagem que criamos, que passa pelas nossas crenças, vivências ou experiências nossas ou de outros. Ele diz:

Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos. Nossa visão está continuamente ativa, continuamente em movimento, continuamente captando coisas num círculo à sua própria volta, constituindo aquilo presente para nós do modo como estamos situados.

---

<sup>6</sup> No grupo de pesquisa desenvolvemos 'conversas' em torno desta questão: o que fazemos com as imagens é uma leitura? Tendemos a compreender que não, já que a leitura exige o conhecimento de códigos linguísticos, enquanto a imagem é sentida diferentemente e sem a existência, necessariamente, de códigos especiais.

[...] Contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção e apreciação de uma imagem depende também do nosso próprio modo de ver (BERGER, 1999, p.11-12).

A potência da imagem muitas vezes nos sensibiliza. E é através dela que podemos “tocar” docentes e discentes que estão mergulhados nos seus *‘fazeressaberes’* e trabalham com os usos de cada imagem na criação de *‘conhecimentossignificações’*. A imagem não mudará o pensamento de ninguém acerca das questões do outro. A imagem, junto com os outros sentidos, irá nos sensibilizar, fará conexões com nossas memórias, sentimentos, acessará um universo às vezes inabitado. Por isso, a importância das *‘cineconversas’*, uma *‘prácticapensamento’* utilizada no grupo de pesquisa e nos encontros com os discentes do curso de licenciatura em Pedagogia.

Nas conversas atravessadas pelas imagens e sons, como “personagens conceituais”, podemos acessar questões às vezes adormecidas e que nos levam ao outro. Por isso também, acreditamos nos usos das imagens como consumo, já que cocriamos diferentes narrativas por meio desses usos, ignorando a ideia determinista da imagem estar condicionada a uma “leitura única” e conscientizadora.

Para Deleuze e Guattari (1992) os “personagens conceituais” são uma partilha de pensamento para que o filósofo se faça criador, “não são mais determinações empíricas, psicológicas e sociais, ainda menos abstrações, mas intercessores, cristais ou germes de pensamentos” (Ibid., p.85). Assim, no processo de *‘sentirpensar’* as imagens e sons como “personagens conceituais”, fazemos uso de Deleuze e Guattari (1992), quando escrevem:

o essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro (p.156).

É com esse sentido que nas pesquisas com os cotidianos apropriamos a ideia de “personagens conceituais”. Em nossas pesquisas temos/produzimos “intercessores” de diferentes ordens, especialmente as imagens, os sons e as narrativas. Nesse fio condutor tecemos no projeto de pesquisa e extensão, no curso de Pedagogia da UERJ, com estudantes matriculados no componente curricular “Pesquisa e Prática Pedagógica” (PPP),

curtas sobre migrações. A intenção, além de proporcionar uma experiência com artefatos tecnológicos importantes para a edição e produção de filmes – linguagem tão usada entre os jovens e importante no *'fazersaber'* docente – é de tecer redes educativas acerca de migrações entre os docentes daquele curso e todos os *'praticantespensantes'* envolvidos naquele processo – além dos estudantes e da professora regente, uma doutora, duas estudantes do doutorado e um bolsista de apoio técnico.

Esse processo nos faz perceber a linguagem do cinema e os usos de artefatos tecnológicos como dispositivos curriculares. Assim, com a abordagem de temas como os movimentos migratórios e artefatos curriculares, partindo das experiências dos docentes e discentes, percebemos como podem se transformar em componentes curriculares.

A trajetória de migrantes/refugiados – seja internos ou vindos do exterior, neste último caso, vem aumentando cada dia mais nas escolas brasileiras. No grupo de pesquisa do qual fazemos parte, não estamos estudando migração, mas como lidamos com esses acontecimentos nas escolas e quais são suas criações nas diferentes redes educativas que tecemos cotidianamente. Dessa maneira, as *'cineconversas'*, por meio da exibição de filmes temáticos que levam as produções de curtas em torno do tema migração com os discentes das turmas de pedagogia, nos orientam pelo caminhar, caminhar e esperar, esperar – nos movimentos da migração, e que nos aproximam das vivências dos estudantes, bem como colaboram para tratar da temática como artefato curricular. Certeau (1998) nos ajuda a pensar em torno desse caminhar:

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade (p. 183).

Como podemos trazer para as salas de aula as errâncias daqueles que vivem infinitas experiências de deslocamentos e fronteiras, que estão no emaranhado deste tecido urbano, atravessados por inúmeras interferências ambientais, como nos provoca Certeau? Quantas imagens são criadas como artefatos curriculares nos *'espaçostempos'* dos diferentes *'dentrofora'* das escolas? Que usos fazemos disso enquanto docentes?

### **Migrações: criando redes educativas no curso de formação de professores**

O grupo de pesquisa ao qual nos filiamos compreende que somos intercessores uns dos outros – a partir das ideias de Deleuze e Guattari de “personagens conceituais” (1992) e “rizomas” (1996) –, mas também como entende Alves por “redes educativas” (2010) e que nelas nos formamos em múltiplas e complexas relações com muitos outros intercessores. Entendemos que todas elas são redes de ‘*prácticasteorias*’ e mantêm amplas relações de interinfluência, que mudam permanentemente nos vários ‘*espaçostempos*’.

Essa formação, que se dá a partir das inúmeras redes educativas que todos somos formados e nas quais nos formamos, busca compreender um fato social relevante, urgente de ser tratado na escola que é o processo migratório. Como já explicitado anteriormente, ele ocorre por diversos motivos e se transformam em experiências curriculares. Nossas aulas são desenvolvidas a partir das ‘*cineconversas*’ em torno dos filmes que envolvem migração para ‘*verouvirsentirpensar*’ acerca do filme: sua narrativa, suas imagens, seus sons... e acerca das muitas possibilidades que trazem para seu “uso” em currículos.

As conversas que se dão após a exibição dos filmes, são gravadas em vídeos e também fazemos conversas *online* como continuidade das conversas presenciais. Todo esse movimento possui um aporte teórico apresentado ao grupo no início do semestre. Posteriormente, realizamos oficinas ‘*prácticasteóricas*’, criando possibilidades metodológicas de trabalhar com diferentes temas e artefatos curriculares com futuros professores. Em uma de nossas turmas de PPP, produzimos um curta apresentando as questões migratórias internas, do nordeste para o sudeste e outro com as questões migratórias de um africano recém-chegado ao Brasil.

No primeiro, muitos estudantes se identificaram por terem familiares nessa condição, ou seja, avós, pais, primos, tios que vieram da região nordeste em busca de uma vida melhor, em busca de emprego, de condições de estudo etc. Facilmente narraram situações cotidianas vivenciadas por familiares, por eles próprios e identificaram o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas (localizado no bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro) como um ponto de encontro e de manutenção da cultura local como lugar de resistência na cidade do Rio de Janeiro.

O segundo aborda a história de migrantes de outros países que muitas vezes começam a trabalhar na informalidade, como ambulantes, por consequência da dificuldade de compreensão da língua e em ter algum empregador que ofereça o primeiro emprego. Na oficina, primeiro planejamos como faríamos o curta, elaboramos um roteiro e posteriormente confeccionamos máscaras para guardar o anonimato dos alunos (questão

que muitas vezes impede a exibição de um filme por não se ter autorização de todos os envolvidos nas filmagens). As fotos a seguir, elucidam como foi o processo conjunto de criação no laboratório de pesquisa:

#### **Imagens 3 e 4:** confecção de máscaras.



Legenda: estudantes da turma de Pedagogia do PPP, produzindo máscaras cenográficas.  
Fonte: Imagens capturadas pelos integrantes do grupo de pesquisa– Arquivo pessoal.

#### **Imagens 5 e 6:** Cenas do filme Sarapatel.



Legenda: barracas de bordados; músicos repentinistas e forrozeiros no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.  
Fonte: Imagens capturadas pelas estudantes da turma do PPP - Arquivo pessoal.

No resultado dos curtas, algumas imagens e sons trouxeram marcas e pistas das redes educativas tecidas nas ‘*cineconversas*’. As conversas e as imagens trazem um pouco do percurso de cada indivíduo que auxiliou na feitura do curta, que contou e trouxe elementos simbólicos da cultura nordestina, que hoje não está presente apenas em estados brasileiros, mas em muitos outros lugares do mundo, como a música, o cordel, os bordados e a culinária. No roteiro estabelecemos que faríamos imagens no laboratório de pesquisa e outras seriam realizadas no próprios Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. No laboratório, aprendemos a utilizar a técnica do *ChromaKey*. Essa técnica favorece a realização das montagens sem precisar ir a *lôcus* para capturar o ambiente. É um filtro disponível em aplicativos de edição que forja outras superfícies e fundos, possibilitando total manipulação da imagem, fazendo crer que aquela realidade existe.

### Imagens 7 e 8: Cenas do filme Sarapatel.



Legenda:  
barracas  
com



cordel e comidas típicas do nordeste.

Fonte: Imagens capturadas pelas estudantes da turma do PPP – Arquivo pessoal.

Foi interessante partilhar a experiência sendo coautores de todo o processo, discutir durante a elaboração do roteiro qual seria o foco do curta e decidirmos pela cultura envolvendo a música, a alimentação, as danças típicas e vestimentas, onde tudo foi explorado nas imagens realizadas, que foram capturadas pelos estudantes do PPP. Nosso maior objetivo com esse trabalho é articular os modos como as questões da presença de migrantes/refugiados, vindos de diversos países e regiões, estão inseridas nas escolas brasileiras e nos currículos nelas desenvolvidos estabelecendo relações diversas nos tantos ‘dentrofora’ das escolas, nas redes educativas. É o que nos ensinam Alves, Filé e Vargas (2007):

Com isso, a ideia de que há um *dentro* e um *fora* – da escola, da família, dos movimentos sociais, das igrejas – perde sentido e nos exige pensar que precisamos incorporar a ideia do *dentrofora*, o que vai exigir, então, uma grande capacidade de articular o que vai sendo pensado, usado, criado nesses múltiplos contextos e que aparece *encarnado nos praticantes* em cada um deles ao entrarem no ‘*espaçotempo*’ escolar, entendido como aquele onde se trabalha o *currículo* (p.66, grifo dos autores).

Nesse contexto trabalhamos questões como o entendimento de que os processos migratórios acontecem desde sempre, em toda história da humanidade e que essas questões estão presentes nos currículos escolares e de como fazemos parte desse processo uma vez que somos herdeiros de diferentes povos. Através dos filmes que retratam essa mobilidade humana por diversas razões, trabalhamos a compreensão de que o modo de registro da memória humana no cinema ocorre através de imagens, narrativas e sons, propiciando discussões éticas, políticas e estéticas. Importante também caracterizar movimentos nacionais e internacionais migratórios, bem como os modos como estão presentes nos

currículos, tanto os oficiais quanto aqueles criados nas escolas, compreendendo os hibridismos culturais que neles se estabelecem, através de memórias de processos curriculares outros.

E como estamos em um curso de formação de professores, acreditamos ser importante desenvolver a produção de recursos didáticos, como curtas e textos literários para crianças e jovens, visando ações e experiências necessárias de ensino das questões migratórias em processos curriculares. As propostas sugeridas foram no sentido de se trabalhar a partir da história, da geografia, do contexto econômico e político atual. Por que migram? Quais as diferenças entre migrantes e refugiados? Para onde querem ir? Aonde conseguem chegar? Quais os países oferecem real acolhida? E no Brasil, qual a realidade frente a tantas dificuldades em nosso cotidiano? Quem são esses migrantes? Que redes de ajuda eles formam? Quais órgãos os auxiliam? Enfim, inúmeros questionamentos podem surgir em uma valiosa experiência de aprendizagem significativa.

Outro ponto que sempre discutimos é que é possível encantar as crianças com as histórias infantis relacionadas ao tema migratório. Através da literatura, ou melhor, das artes, nos envolvemos no conhecimento do cotidiano de outros, no cotidiano de crianças migrantes e muitas vezes fazemos conexões com nossas próprias famílias que já viveram essa experiência. Guerón (2011) nos coloca que “as imagens já não estão mais lá a serviço desses homens e suas histórias; ao contrário, ele coloca os homens diante de outras possibilidades, outros sentidos possíveis para essas histórias”.

Importante ressaltar que não podemos atribuir às escolas a culpa por atos de preconceitos, nem mesmo aos professores. Precisamos reconhecer que estamos mergulhados em redes educativas de múltiplos e diversos ‘*fazeressaberes*’, múltiplos e diversos ‘*conhecimentossignificações*’ para além dos que são tecidos nas escolas e que mantêm inúmeros contatos com os diferentes ‘*espaçostempos*’ destas. Assim, quando os ‘*praticantespensantes*’ dessas redes ‘*entramsaem*’ das escolas, os ‘*conhecimentossignificações*’ que neles estão encarnados ‘*entramsaem*’, livremente, de seus ‘*espaçostempos*’. Portanto, na sociedade como um todo são tecidas as redes de ‘*fazeressaberes*’ – inclusive as preconceituosas. Cabe a nós problematizar em todas essas redes – com as escolas nelas incluídas – os fatos que nelas se dão a xenofobia, o racismo, a invisibilização do outro, de intolerância com o outro, tratando da ecologia humana.

Sabemos que existem outras práticas nas escolas e que os processos que nela se dão precisam ser acompanhados e compreendidos nas possibilidades que abrem frente a essas necessidades sociais. Aliás, o papel da escola em muito tem a ver com a legitimação e

divulgação de leis que protegem os direitos humanos, por exemplo, entre outras ‘*prácticasteorias*’ que nos farão uma sociedade cada vez mais justa. Sua existência e defesa são fundamentais, em especial nas escolas públicas, que atendem as populações mais fragilizadas do ponto de vista socioeconômico.

Com as narrativas que aqui fizemos, trouxemos para conversa, o quão é pertinente para nós os usos de artefatos tecnológicos e temáticos como provocadores para a promoção da autonomia criadora, percebendo os acontecimentos como intercessores nos processos educativos e curriculares.

Serão as escolas, também, um dos espaços de questionamento da xenofobia e de possibilidades de sua erradicação, uma vez que crianças e jovens possam ser levados a conhecer os movimentos migratórios, como movimentos pertencentes ao seu modo de viver, a partir do “reconhecimento de si e do Outro como um legítimo Outro”, como Maturana nos poetiza?

### **A guisa de conclusão**

Propomos com o artigo uma reflexão acerca de como mudanças ambientais forçam pessoas a migrarem e seus possíveis enfrentamentos, como a xenofobia, ao longo da caminhada. Frente a isso, pensamos que as crianças migrantes, matriculadas nas escolas precisam ser acolhidas de forma digna e respeitosa. O entendimento de que a formação humana se dá nos tantos ‘*espaçostempos*’ da vida cotidiana, nos coloca outras formas de ‘*aprenderensinar*’, diferentes daquelas organizadas segundo a “metáfora da árvore”, mas sim através de um modo complexo, rizomático, não sequencial, nem contínuo, transversal que vem sendo denominado “redes”.

É desta forma que outros ‘*fazeressaberes*’ “entram” nas escolas e atravessam os currículos oficiais como bem nos explicam Deleuze e Guattari (1996):

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-se, *intermezzo*. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser [...]. É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. ‘Entre’ as coisas não designam uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma ‘e’ outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (p.37).

Através desse modo rizomático de compreender como se tecem os ‘*conhecimentossignificações*’, que não tem começo, nem fim, que percorrem caminhos perpendiculares e transversais, que utilizam a conjunção ‘e’ ao longo da jornada, que podemos perceber o quão inesperados são tramados os múltiplos tecidos de conhecimentos ‘*prácticosteóricos*’. Esses ‘*conhecimentossignificações*’ ora se relacionam e se completam e ora não se relacionam e não se completam, revelando sua forma desconcertante, errante, imprevisível e que propõem improvisações porque estão no acontecimento. Por isso, não há receitas prontas.

## Referências

ACNUR. Dados sobre refúgio. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/> Acesso em: 07 ago. 2019.

ALVES, Nilda. Redes educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Organização de Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos et al. **Textos selecionados do XV ENDIPE** – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino realizado na UFMG, no período de 20 a 23 de abril de 2010. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ALVES, Nilda. **Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente** – o caso do cinema suas imagens e sons. Financiamentos CNPq, FAPERJ e UERJ, 2012-2015. (Projeto de Pesquisa).

ALVES, Nilda; FILÉ, Valter; VARGAS, Maria Jacintha. Tecnologias, imagens, sons e currículos nos cotidianos. **Currículo Sem Fronteiras**, v.7, n.2, Jul/Dez 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **José**. 1942. In: MARCELLO, Carolina. Poema “E agora, José?” de Carlos Drummond de Andrade. Seção “Literatura / Poesia”. Disponível em: 135  
<<https://www.culturagenial.com/poema-e-agora-jose-carlos-drummond-de-andrade/>>. Acesso em: 25 Out. 2018.

BERGER, Jonh. **Modos de ver**. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** – artes de fazer – 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

D’ANGELO, Helô. Em novo documentário, Ai Weiwei mostra drama de refugiados em 23 países. **Revista Cult**. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/ai-weiwei-human-flow/>>. 19 out. 2017. Acesso em: 15 mar. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Personagens conceituais. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. V.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

GUERÓN, Rodrigo. **Da imagem ao clichê do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento**. Rio de Janeiro: FAPERJ, Nau editora, 2011.

HUMAN FLOW: não existe lar se não há para onde ir. Direção: Ai Weiwei. Alemanha, 2017, colorido, documentário, 140 min. (Filme)

MADEIRO, Carlos. Com maior seca em décadas, Nordeste revive era de êxodo e fuga do campo. **Uol Notícias**. 16 mai. 2012. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/05/16/com-maior-seca-em-decadas-nordeste-revive-era-de-exodo-e-fuga-do-campo.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina**. São Paulo: Alfaguara, 2007.

MENEZES, Lená de Medeiros. Sobre tempo, conceitos e representações: imigrantes, estrangeiros e refugiados. In: SARMIENTO, Érica; ARAÚJO, Rafael; SARDENBERG, Helenice (orgs). **Deslocamentos contemporâneos nas Américas: novos desafios e discussões teóricas (século XX a atualidade)**. Rio de Janeiro: Estudos Americanos, 2019.

MOREIRA, Alberto da Silva. **Religião, migração e mobilidade humana** (org). Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2017.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘*pensadospraticados*’ pelos ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho (Org.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. 1. ed. Petrópolis: DP et Alii, 2012, p. 47-70.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHURMANS, Fabrice. A representação do migrante clandestino no cinema contemporâneo: efeitos e cenas de fronteira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. [Online], n. 105. 03 Dez. 2014. Disponível em: <http://rccs.revues.org/5814>. Acesso em 12 Out. 2017.

*Submetido em: 17-03-2020.*

*Publicado em: 01-07-2020.*